



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÉ  
FACULDADE DE DIREITO  
DEPARTAMENTO DE DIREITO PROCESSUAL  
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

MOISS S SANTOS SILVA

DESAFIOS DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA A PARTIR DE SENHOR DAS  
MOSCAS, DE WILLIAM GOLDING

FORTALEZA

2023

MOISS SANTOS SILVA

DESAFIOS DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA A PARTIR DE SENHOR DAS  
MOSCAS, DE WILLIAM GOLDING

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação da Faculdade de Direito da  
Universidade Federal do Ceará como requisito  
parcial para obtenção do título de bacharel em  
Direito.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira  
Rodrigues Pereira.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S581d Silva, Moisés Santos.  
Desafios da democracia representativa a partir de Senhor das moscas, de William Golding / Moisés Santos Silva. – 2023.  
47 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Direito, Curso de Direito, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira.
1. Direito e literatura. 2. Democracia. 3. Autoritarismo. I. Título.

CDD 340

---

MOISS S SANTOS SILVA

DESAFIOS DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA A PARTIR DE SENHOR DAS  
MOSCAS, DE WILLIAM GOLDING

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação da Faculdade de Direito da  
Universidade Federal do Ceará como requisito  
parcial para obtenção do título de bacharel em  
Direito.

Orientador: Prof. Dr. Mécio Ferreira  
Rodrigues Pereira.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

-----  
Prof. Dr. Mécio Ferreira Rodrigues Pereira (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

-----  
Prof. Dr. Paulo Antônio de Menezes Albuquerque  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

-----  
Prof. Doutorando. Francisco Amsterdam Duarte da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais e minha irmã.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. M<sup>o</sup>cio Pereira, pela excelente orienta<sup>o</sup>.

Aos professores participantes da banca examinadora, professores Paulo Ant<sup>o</sup>nio e Amsterdam Duarte, pelo tempo, pelas valiosas colabora<sup>o</sup>es e sugest<sup>o</sup>es.

Todo o reino dividido contra si próprio ficará deserto e toda a cidade ou casa dividida não permanecerá. (Evangelho de Mateus)

## RESUMO

O uso da literatura de ficção como objeto de estudo para o direito é extenso, sendo considerado o material ficcional como fonte rica de conceitos para a ilustração de conceitos jurídicos. A partir de tal paradigma, o presente trabalho objetiva utilizar-se da narrativa encontrada no romance *Senhor das moscas*, de William Golding, de forma a investigar questões relacionadas aos desafios enfrentados pela democracia representativa, com ênfase naqueles ligados às ameaças do autoritarismo. A partir da leitura da obra, publicada em 1954, e amparando-se numa breve cronologia da democracia representativa, seu estado no início do século XX e os desafios enfrentados por ela naquela época e na atualidade, através de pesquisa bibliográfica, busca-se compreender de que forma as angústias do momento encontraram representação no trabalho de ficção escrito por Golding, e de que forma tais preocupações comunicam-se com as encontradas no panorama democrático contemporâneo.

Palavras-chave: Direito e literatura; Democracia; Autoritarismo.

## ABSTRACT

The usage of literary fiction as object of study for Law studies is comprehensive, being considered the fictional material as a rich source for illustrating juridical concepts. That known, this study has the goal of, using the novel *Lord of the Flies*, by William Golding, investigate matters related to the challenges that representative democracy finds, specially those related to authoritarianism. Starting from the novel, first published in 1954, and after exposing a brief chronology of the history of representative democracy, its state at the beginning of the 20<sup>th</sup> century and the challenges faced by it then and nowadays, this paper aims to understand how the anguishes of the time found representation on the fictional work written by Golding, and how those concerns communicate with those found on the debate around contemporary democracy.

Keywords: law and literature; democracy; authoritarianism.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	SENHOR DAS MOSCAS: OBRA, CONTEXTO E LEGADO	16
2.1	O enredo de Senhor das moscas	16
2.2	O texto e seu tempo	23
2.3	Legado e relevância para o estudo do Direito	25
3	DEMOCRACIA REPRESENTATIVA E SEUS DESAFIOS NO ROMANCE SENHOR DAS MOSCAS	28
3.1	O que se quer dizer por democracia representativa	28
3.2	Colapso das democracias europeias no entreguerras no Século XX	30
3.3	Dos desafios à democracia representativa	31
4	DESAFIOS DA DEMOCRACIA EM SENHOR DAS MOSCAS	37
4.1	Deliberação e representação	37
4.2	Vício de poder e a ameaça autoritária	40
5	CONCLUSÃO	45
6	REFERÊNCIAS	48



## 1 INTRODUÇÃO

No texto introdutório da antologia *Direito e literatura: da realidade da ficção à ficção da realidade*, Lírio Luiz Streck escreve sobre como as relações entre os estudos literários e da ciência jurídica podem auxiliar na realização do "exorcismo da realidade" (STRECK, 2013, p. 4). Com isso, quer-se dizer que uma análise atenta de símbolos e narrativas utilizadas na literatura pode oferecer novos e relevantes entendimentos no estudo jurídico.

Talvez o mais clássico exemplo para tal caso seja a tragédia grega da *Antígona* de Sófocles. Quantas vezes terá sido utilizada a imagem daquela mulher, sozinha, diante de toda a estrutura do conselho grego e de Creonte? Quantas análises feitas utilizando-se do conflito entre direito natural e direito positivo? Quantas leituras possíveis, juridicamente, nos sentidos da vontade individual, da repressão, do autoritarismo?

§ a atenção focada no último ponto – autoritarismo – e sua relação com a democracia que ensejou a realização do presente trabalho. Orientando-se a partir da ideia do uso do trabalho ficcional para ilustrar ideias jurídicas, foi escolhida a obra *Senhor das moscas*, de William Golding, como obra literária base.

Apresentando a narrativa de diversas crianças – cuja quantidade jamais é sabida – que se veem abandonadas numa ilha deserta, William Golding trabalha com símbolos num enredo que já foi entendido como desde um tratado acerca da natureza humana, até alegoria bíblica. Para os fins desta monografia, buscamos tratá-lo como romance histórico, mas recheado de símbolos políticos. Publicado em 1954, é evidente a preocupação do autor com os eventos experienciados durante a segunda guerra mundial, de modo que ideias acerca das dificuldades de se organizar democraticamente e as ameaças do autoritarismo são fartas durante a leitura do texto.

O objetivo geral do trabalho, assim, é analisar de que forma as preocupações acerca dos desafios da democracia registradas pelo autor em sua obra se comportam diante da literatura existente na ciência política e jurídica acerca do tema. Desde as preocupações contemporâneas ao autor, ligadas diretamente ao nascimento do nazifascismo, aquelas que se observam na contemporaneidade, pergunta-se: de que forma resiste o legado literário, em relação a tais ideias?

Deste modo, o primeiro capítulo do trabalho dedica-se à apresentação do enredo da obra, de modo a familiarizar o leitor com seus personagens, seu desenvolvimento, e a trama redigida por Golding que serão melhor analisados nos capítulos seguintes. Ainda nessa

parte, destaca-se o contexto de escrita e publicação da obra, com as opiniões veiculadas pelo próprio autor acerca de seu romance, e o cenário particular da Inglaterra – onde Golding vivia – em tal momento histórico. Por fim, o legado do romance é apresentado, através da constante publicação de estudos literários, sociológicos e jurídicos acerca dos temas que nele se apresentam.

Posteriormente, no segundo capítulo, passamos – exposição do conceito de democracia representativa. Sendo o próprio conceito de democracia amplo e abundante, tendo-se escrito sobre esta constantemente desde o seu surgimento, a delimitação da modalidade representativa dá-se por ser esta a compreendida pelos personagens do romance, sendo imediata a sua percepção da necessidade do voto e da escolha de um líder. Deste modo, buscou-se compreender as preocupações contemporâneas do surgimento desta, na América dos federalistas, passando pela crise do modelo representativo no século XX, com os diversos movimentos autoritários que assolaram a Europa, de Portugal – Itália, da Espanha – Alemanha. Ainda, busca-se entender que desafios – democracia representativa podem ser observados na atualidade do século XXI e, finalmente, como estes comunicam-se com os dos períodos anteriores.

Finalmente, no terceiro capítulo, as noções de desafios – democracia apresentados no capítulo anterior são confrontadas com a sua representação no romance, no qual as situações experienciadas pelos personagens tornam-se comentários indiretos acerca das falhas que podem ser encontradas em democracias frágeis, ou em lideranças anômicas, e como impulsos autoritários alimentados nessas mesmas democracias encontram, nisso, espaço para sua manifestação. Os diversos estudos publicados acerca da obra são iluminadores para tais leituras, sendo de particular importância também os estudos realizados acerca das manifestações do fascismo contemporâneas – vida e escrita da obra de William Golding.

## 2 SENHOR DAS MOSCAS: OBRA, CONTEXTO E LEGADO

Este primeiro capítulo objetiva introduzir o material de Senhor das moscas, de modo a melhor orientar a análise a ser tratada, nos demais, acerca das possíveis leituras em relação a como os desafios da democracia são tratados na obra. Para tanto, será primeiro apresentado o enredo da obra em linhas gerais, destacando os pontos de contato com os temas a serem abordados neste trabalho. Posteriormente, traremos um breve panorama do contexto no qual William Golding viveu e escreveu o romance; posteriormente, por fim, uma breve exposição do legado da obra, imediato e o que perdura até a atualidade.

### 2.1 O enredo de Senhor das moscas

Seguiremos, agora, com uma breve exposição da trama geral da obra, apresentando seus principais temas, destacando os pontos de relevo que serão abordados ao longo deste trabalho.

O livro trata de um grupo de crianças e adolescentes que, em meio a um conflito desconhecido, têm seu avião derrubado e veem-se abandonados numa ilha deserta, sem adultos para supervisioná-los. Diante disso, buscam estabelecer uma organização social, em busca de garantir sua sobrevivência na ilha. No entanto, as dificuldades abundam, e logo os garotos percebem que se manter vivos e a espera de um resgate será mais difícil do que imaginavam.

A abertura da obra nos apresenta Ralph sentado à beira da praia. Aos treze anos, atlético, curioso, e ingênuo, este rapidamente trava contato com outro personagem, que pede para não ser chamado pelo pejorativo "Porquinho", pelo qual era conhecido na escola, e que no entanto ela alinha que passará a ser utilizada por todos os demais garotos. É através de seu diálogo que o leitor toma conhecimento de uma evacuação na Inglaterra, de um conflito entre esta e outras nações e do acidente aéreo que partiu o avião que estavam em dois, separando-os de onde estava o piloto. Simbolicamente, inicia-se o seu abandono: está na ilha sem seu guia, e sem adultos.

Ambos então põem-se a andar pela praia, encontrando logo um item de grande relevância para a narrativa: uma grande concha branca, desentranhada do fundo de uma fonte termal. Após resgatá-la, Ralph logo a sopra, produzindo tal som que atrai outras crianças, também vítimas do acidente, que surgem da floresta. Inicia-se, então, uma espécie de assembleia – a primeira de várias a serem realizadas ao longo da obra – e os rudimentos de

uma tentativa de organização se veem: Porquinho aponta a necessidade de listar os nomes dos presentes, chegando a iniciar tal listagem. No entanto, é interrompido pela chegada de um grande grupo de rapazes, que é assim descrito:

Em meio ao brilho ofuscante da praia, alguma coisa escura avançava aos poucos. Ralph foi o primeiro a ver, e fitou aquele ponto atenta intensidade do seu olhar atraindo todos os olhos naquela direção. Então a criatura emergiu da miragem e pisou na areia clara, e viram que a mancha escura não era toda sombra, mas quase toda roupa. A criatura era um grupo de meninos, caminhando mais ou menos a passo de marcha em duas filas paralelas e envergando trajes excêntricos. As calças, as camisas e outras peças de roupa eles traziam nas mãos: mas cada um dos meninos usava um barrete negro de forma quadrada com um distintivo prateado. Seus corpos, do pescoço ao tornozelo, estavam cobertos por capas pretas que traziam uma longa cruz prateada do lado esquerdo do peito, arrematadas no pescoço por uma gola branca de gomos. [...] O menino que os comandava usava um uniforme igual, mas o distintivo de seu barrete era dourado. Quando o grupo chegou a mais ou menos dez metros da plataforma, ele gritou uma ordem e todos pararam, ofegantes, suando, oscilando sob a luz feroz do sol. O menino se adiantou, subiu de um salto na plataforma com sua capa esvoaçando, e procurou distinguir alguma coisa no meio do que, a seus olhos, eram trevas completas. (GOLDING, [1954] 2021, p. 20)

A descrição do grupo, as vestes negras, a cruz prateada no peito e a disciplina militar são imagens utilizadas pelo autor de forma a adiantar a natureza dos que se apresentam, e sua representação simbólica do autoritarismo do século XX. Liderados por Jack, sua chegada logo tensiona as relações na reunião que acabou de se formar, levando a uma discussão desordenada sobre o que fazer para garantir a sobrevivência. Ralph, então, propõe a escolha de um líder, e uma votação rapidamente garante a ele tal posto, ainda que Jack tenha o voto unânime dos integrantes do coro. São determinadas, então, a frequência das reuniões, e o direito de fala: garantido aquele que segurar a concha. A Jack é legada a função de líder do exército, sendo este os membros do coro.

Após brincarem de eleição (ibid., p. 24), os garotos partem para explorar a floresta, apesar dos protestos de Porquinho para terminar a listagem de crianças. A dentro pela selva densa e subindo um monte existente numa localização central, os rapazes confirmam estarem numa ilha, repleta de rochedos, paredes, com forma semelhante à meia-lua, assemelhando-se mais ainda a um navio que avançasse de rumo (ibid., p. 31), em razão do efeito da maré em uma de suas extremidades.

Retornam, cruzando caminho com um enorme porco, que Jack falha em matar. De volta à praia, Ralph convoca uma reunião soprando a concha, explica a divisão de trabalho entre exército, coleta de frutos e construção de barracos com galhos e folhas, e a necessidade de colaboração com as regras. Ocorre, então, a primeira menção a uma suposta criatura, que teria sido visto por uma das crianças menores, seguida por um pânico generalizado entre os mais novos pela possibilidade de não serem resgatados. Ralph, assumindo o que acredita ser

seu dever como chefe, busca tranquilizá-los, afirmando que logo os adultos virão buscá-los e essa declaração é simples, sem o apoio de qualquer prova (ibid., p. 39) e é suficiente para acalmar os ânimos.

O líder então explica a necessidade de construção de uma fogueira, a ser acesa no topo da montanha, de modo a ser visto por quaisquer navios que estejam passando. Porquinho então assume a concha e a fala, mas antes que possa de fato expressar-se, Jack, empolgado e ignorando a regra da concha, rapidamente convoca crianças para ajudá-lo a partir de árvores e galhos e se coloca a levá-los para a montanha, havendo uma completa dispersão da reunião sem que esta tenha acabado. Com o material inteiramente recolhido no topo do monte, Ralph e Jack percebem-se incapazes de fazer fogo, tendo de recorrer aos olhos de Porquinho, que contrariado protesta:

‘A concha está comigo’, replicou Porquinho, indignado. ‘Vocês precisam me deixar falar!’

‘A concha não faz diferença no alto da montanha’, disse Jack, ‘e pode ir calando a boca’. (ibid., p. 45)

Ralph intervém, mas o impacto psicológico se consolida. Porquinho entrega a concha a Jack, que segurando o objeto delicado nas mãos sujas de fuligem (ibid., p. 45), clinicamente reitera a necessidade de regras e de seu comprimento, reivindicando com orgulho sua herança britânica de civilização contra a selvageria do resto do mundo, e reclamando para si e os caçadores a responsabilidade pela manutenção da fogueira acesa. A discussão leva à distração, e dessa distração os rapazes deixam de perceber o alastrar das faíscas da fogueira que fizeram. Quando reparam já tarde, e um incêndio consolida-se em grande parte da floresta, no qual uma criança desaparece. Diante da dúvida de quem havia desaparecido, Porquinho, frustrado, comenta não ter tido tempo de listar os nomes de todos.

Alguns dias após a tragédia, a sociedade estabelecida pelos rapazes é apresentada em degradação: Jack e os caçadores estão crescentemente frustrados por não conseguirem carne para o grupo, Ralph dificilmente tenta erguer uma cabana com outro garoto, Simon, apenas para continuamente falhar, e expressa irritação com o fato de não ter apoio de nenhuma das outras crianças para tanto. Simon então lembra-o de tocar a concha para convocar uma reunião e lembrar os demais de se manterem em suas atividades, ao que Ralph reage com desdém, afirmando que uma vez encerrada a reunião e a empolgação iniciada pelo próprio fato de reunirem-se, os demais apenas cansam de agir de fato como grupo. Numa discussão envolvendo Jack, Ralph e Simon, o último os lembra do suposto monstro avistado pelos mais novos, mas os outros dois se demonstram cansados demais para

dar aten<sup>ção</sup> ao assunto.

O ritmo vagaroso da ilha se impõe sobre os meninos. Sem cumprir suas tarefas, eles fazem suas necessidades desordenadamente na praia, não buscam mais frutos ao longo da ilha, e não fazem a manuten<sup>ção</sup> das barracas, que contam com uma estrutura fragil<sup>íssima</sup>. A pregui<sup>ça</sup>, por<sup>que</sup>, não alcan<sup>çou</sup> Jack que, <sup>de</sup>vido por enfim conseguir matar um animal, passa a utilizar argila, carv<sup>ão</sup> e outros materiais que encontra na ilha para mascarar-se.

O clima ameno <sup>é</sup> interrompido pelo avistamento de um navio ao longe por Ralph, que entusiasmadamente grita com os demais, aliviado pela perspectiva de resgate. Simon e Porquinho, por<sup>que</sup>, olham para a montanha e, ao perceberem que não h<sup>á</sup> fuma<sup>ça</sup>, ou fogueira, ali, rapidamente informam ao líder, que desesperado inicia uma corrida naquela dire<sup>ção</sup>, gritando com todos os garotos no caminho, apenas para chegar no topo do monte e perceber que o navio já havia sumido de vista. Retornando frustrado <sup>à</sup> praia, depara-se com a vis<sup>ão</sup> de Jack retornando, triunfal, num trecho que, por sua for<sup>ça</sup> expressiva, transcreve-se por completo:

“E lá, meus...”

Uma procissão tinha aparecido, bem abaixo, em meio <sup>às</sup> pedras rosadas que se espalhavam perto da beira do mar. Alguns dos meninos usavam os barretes pretos, mas de resto estavam quase nus. Erguiam ao mesmo tempo suas lan<sup>ças</sup> no ar, sempre que chegavam a um ponto mais f<sup>ácil</sup> do caminho. Repetiam alguma coisa, um cantoch<sup>ão</sup> que tinha a ver com o fardo que os g<sup>raças</sup>, meos carregavam com tanto cuidado. Ralph reconheceu Jack com facilidade, mesmo de t<sup>ão</sup> longe: alto, ruivo e inevitavelmente <sup>à</sup> frente da procissão.

Simon também estava olhando, de Ralph para Jack, como antes olhava de Ralph para o horizonte, e o que via pareceu deix<sup>á</sup>lo com medo. Ralph não disse mais nada, e ficou esperando enquanto a procissão se aproximava. O cantoch<sup>ão</sup> se tornara aud<sup>ível</sup>, mas <sup>à</sup>quela distância ainda não se distinguiam as palavras. A tr<sup>ilha</sup> de Jack marchavam os g<sup>raças</sup>, meos, carregando uma estaca nos ombros. A carca<sup>ça</sup> eviscerada de um porco estava presa a ela e balan<sup>ç</sup>ava muito enquanto os g<sup>raças</sup>, meos avan<sup>ç</sup>avam com esfor<sup>ço</sup> pelo terreno irregular. A cabe<sup>ça</sup> do porco estava pendente, com o pesco<sup>ço</sup> aberto, e dava a impress<sup>ão</sup> de estar <sup>à</sup> procura de alguma coisa pelo ch<sup>ão</sup>. Finalmente, o que os meninos cantavam chegou com clareza at<sup>é</sup> eles, por cima da <sup>á</sup>rea tomada pela madeira enegrecida e as cinzas do inc<sup>êndio</sup>.

“Mata o porco. Corta a goela. Espalha o sangue...” (ibid., p. 73)

Ao contr<sup>ário</sup> do que esperava <sup>de</sup> ser recebido com admira<sup>ção</sup> e agradecimento <sup>de</sup> Jack <sup>é</sup> confrontado por Ralph, que o cobra da responsabilidade pela manuten<sup>ção</sup> da fogueira acesa. Percebendo isso como ingrati<sup>do</sup>, uma longa discuss<sup>ão</sup> irrompe, Porquinho juntando-se <sup>à</sup> manifesta<sup>ção</sup> de descontentamento com o abandono da fogueira. Nesse ponto, Jack chega ao seu limite, e desfere um soco contra o menino, derrubando-o e quebrando uma das lentes de seu <sup>olho</sup>. Confrontado por Ralph, Jack pede desculpas.

Ap<sup>ós</sup> o estresse dos <sup>últimos</sup> eventos, Ralph supera sua resigna<sup>ção</sup>, toca a concha e inicia uma nova reuni<sup>ão</sup>. Sabendo dos <sup>ânimos</sup> tensos, e de sua pr<sup>ópria</sup>

responsabilidade nisso, Ralph elogia a tentativa de organiza<sup>2</sup>o de todos e o gosto por fazer as atividades com as demais crian<sup>as</sup>. Critica, por<sup>m</sup>, a desorganiza<sup>2</sup>o que se generalizou, e, com tom mais duro, fala da fogueira e do medo do monstro, que considera infundado. Passa ent<sup>2</sup>o a concha a Jack, que reitera a irracionalidade em temer a suposta criatura, por<sup>m</sup> concedendo que essa pode existir.  $\S$  o suficiente para generalizar o debate, culminando numa vota<sup>2</sup>o com o objetivo de atestar a exist<sup>nc</sup>ia de fantasmas, na qual a maioria votou pelo sim. Ralph e Porquinho, frustrados com o que veem, protestam, com Jack levantando a voz contra ambos e iniciando-se uma briga generalizada entre os adolescentes, diante da qual o narrador, perempt<sup>rio</sup>, afirma que `o mundo, aquele mundo compreens<sup>vel</sup> e obediente  $\bar{}$  lei, desmoronava. (ibid., p. 93), e Ralph, afastando-se dos que brigavam, percebendo a inutilidade que seria tocar a concha nesse momento, contempla melanc<sup>lico</sup> a barb<sup>ie</sup>.

Algum tempo depois, numa noite, um soldado paraquedista cai, j<sup>o</sup> morto, pr<sup>x</sup>imo ao topo da montanha, as cordas da ferramenta enroscando-se de tal modo que este se movimentava com o bater do vento. Diante da apari<sup>2</sup>o, que n<sup>o</sup> distinguem, os garotos que estavam de vigia espantam-se e correm de volta ao acampamento.

Ralph e Porquinho s<sup>o</sup> prontamente acordados por eles, que, espantados, descrevem o monstro com muito mais detalhes do que de fato conseguiram ver.  $\S$  convocada uma reuni<sup>o</sup>, e Jack prontamente prop<sup>o</sup>e a ca<sup>ada</sup>  $\bar{}$  criatura. Ralph relembra que est<sup>o</sup> com a concha, destaca a import<sup>nc</sup>ia de proteger os menores, e passa a concha para Porquinho, que reitera os mesmos pontos, para a irresigna<sup>2</sup>o de Jack, que afirma:

`A concha! A concha!\_, gritou Jack, `a gente n<sup>o</sup> precisa mais da concha. A gente sabe quem tem de dizer as coisas. O que adiantou o Simon falar, ou Bill, ou Walter? J<sup>o</sup> est<sup>o</sup> na hora de algumas pessoas saberem que deviam ficar de boca calada e deixar as decis<sup>es</sup> pro resto de n<sup>os</sup>. (ibid., p. 109)

Ao fim, seguem Ralph, Jack, Simon e mais alguns garotos numa expedi<sup>2</sup>o ao redor da ilha, para encontrarem onde seria o covil do monstro. Sem sucesso, enfim se dirigem  $\bar{}$  montanha, onde ele teria sido visto. No meio da mata, Jack os convence a ca<sup>ar</sup> um porco, para terem algo a entregar aos demais, e Ralph cede, entregando-se ao prazer da ca<sup>ada</sup>, ainda que n<sup>o</sup> consiga capturar animal algum, e num momento de euforia, os garotos se entregam  $\bar{}$  brincadeira de ca<sup>ar</sup> entre si, at<sup>q</sup>ue Robert, uma das crian<sup>as</sup>, finge ser ele o porco a ser perseguido, criando a catarse quase tr<sup>g</sup>ica do momento que segue:

Robert rosnou para ele. Ralph entrou na brincadeira e todos riram. Logo estavam todos desferindo estocadas de lan<sup>a</sup> na dire<sup>2</sup>o de Robert, que fingia tentar fugir. Jack gritou.  
`Forma uma roda! \_

A roda come´ou a girar. Robert come´ou a guinchar de terror fingido, depois de dor verdadeira.

‘Ai! Para com isso! Est@me machucando!\_

O cabo de uma lan´a o atingiu nas costas, e ele caiu no meio dos demais.

‘Segura bem!\_

Agarraram seus bra´os e pernas. Ralph, arrebatado por uma excita´o densa e súbita, agarrou a lan´a de Eric e amea´ava ferir Robert com ela.

‘Mata! Mata!\_ (ibid., p. 122)

Porém nesse momento a brincadeira é interrompida, e os rapazes lembram-se de sua missão. Chegam à montanha ao anoitecer, e subindo a montanha os demais desistem, até que Ralph sozinho chega ao topo, divisa o vulto do monstro/cadáver, porém o vento faz com que este se mova, e o menino volta apavorado ao abrigo, relatando exageradamente o que viu, deixando Porquinho incrédulo e as demais crianças aterrorizadas. Enquanto conversam, ambos ouvem o som da concha e saem da cabana, para descobrir que fora Jack quem a soprara.

Numa medida desesperada, Jack clama pela deposi´o de Ralph e a sua elei´o como líder, não sendo acompanhado por nenhuma outra criança. Diante desse cenário, despede-se, sozinho. Após algum tempo, no entanto, percebe-se que várias crianças o seguiram, e seu grupo passa a dedicar-se  ca´ada dos porcos, conseguindo matar um, levando sua carca´a para o local onde estabelecem sua base, e ali fincando o crânio do animal morto. Simon, que o seguiu, tem alucina´pes com a cabe´a do animal morto.

Após algum tempo, e com cada vez menos crianças em seu acampamento, Ralph e Porquinho, depois de acenderem uma nova fogueira na praia, decidem seguir ao encontro de onde estão os garotos de Jack, deparando-se ali com uma grande dança, a qual Jack comanda, em redor de uma fogueira onde está sendo assado o porco abatido. Todos comem da carne, mas Ralph, irresignado com a trai´o, reivindica sua posi´o como chefe, apenas para ser repudiado por Jack, que agora tem o apoio da maioria dos garotos. No meio do debate, um relâmpago irrompe, e uma chuva torrencial se inicia no posto. Ralph e Porquinho correm para seus abrigos, mas o grupo de Jack dedica-se a dançar na chuva e imitar animais, momento súbito em que uma figura indistinta emerge da mata, e diante da qual todos os garotos agriem de forma animalesca, numa mistura que é descrita quase como ritual sacrificial e delírio coletivo. Na manhã seguinte, o corpo de Simon, a figura que emergira da mata na noite anterior, é visto inerte na praia.

Em outro lugar da ilha, Porquinho e Ralph se encontram. O líder, então, lembra de Simon, e pergunta a Porquinho sobre o assassinato que presenciaram na noite anterior. O outro tenta dissuadi-lo a pensar em outra coisa, esquecer o assunto, mas Ralph permanece

firme em refletir o que se deu no acampamento de Jack e, pressionado, Porquinho chega ao limite de dizer que não viu o que aconteceu, e pede a Ralph que esqueça, e minta ao demais sobre terem estado presente ali, naquela noite. Quando outros garotos, que também tinham estado no ritual passado, os encontram, os quatro mentem entre si acerca de já estarem dormindo quando do acontecido.

A manhã muda para o acampamento de Jack, e o vemos sentado numa pilha de pedras, com um garoto sendo punido ao seu lado, e somos informados de que não houve justificativa para tal. As outras crianças presentes conversam sobre o assassinato de Simon, ainda que nomeando-o apenas como monstro, e Jack discute com eles se haveria mais de um, e que não há forma de tranquilizarem-se naquele momento, e de que a única forma de haver alguma paz com a criatura é continuar caçando, assando a carne e fincando a cabeça do animal. Questionado como faria fogo, Jack planeja invadir o acampamento de Ralph e roubar os Açúcares de Porquinho.

De volta a Ralph e os demais, em razão do avanço do dia, estes falham em conseguir fazer com que a pilha de folhas que juntaram queime, e dormem no escuro. No meio da noite, Jack e dois outros garotos invadem suas cabanas e, num conflito corporal, agredem Porquinho, Ralph e as outras crianças, conseguindo com sucesso tomar os Açúcares que buscavam. O líder nota que estes, por fim, deixaram a concha, e Porquinho percebe que esta nunca significou nada em particular para o chefe do outro acampamento.

Decidem, então, Ralph, Porquinho e os garotos irem ao acampamento de Jack, questionar acerca do roubo dos Açúcares. Chegando na passagem para o local, uma estrutura elevada de pedra, com um desfiladeiro que dá direto ao mar, são confrontados pelas crianças, todas com pintura de rosto e corpo, que os impedem de se aproximar. Dentre estas, destaca-se Roger, que questiona a autoridade de Ralph com veemência, até que todos se surpreendem com o retorno de Jack da mata, junto com outros garotos, que trazem os frutos de sua caçada.

Ralph, enfim, questiona-o sobre o roubo dos Açúcares, e o chama de ladrão. Porquinho se impõe e, segurando a concha, faz um apelo apaixonado para que os demais esqueçam isso, foquem na importância de se fazer fumaça, e retornem à sua tentativa de organizar bem a sua vida em conjunto na ilha. Por fim, a ofensa feita por Ralph a Jack aquece os ânimos de todos, e os dois líderes travam um embate corporal.

Enquanto isso, Roger sobe a uma estrutura no acampamento e, durante o combate, derruba uma grande pedra do topo. Ralph e Jack esquivam-se a tempo, mas Porquinho, que estava com a concha, é frontalmente atingido, caindo do elevado, chocando-se com as pedras e falecendo, despedaçando-se também a concha. Aproveitando-se do choque, Jack desfere um

ataque contra Ralph, que ferido foge para a floresta. Os g, meos s<sup>2</sup>o pegos e for´ados a fazer parte do novo grupo.

O Bltimo capítulo se inicia com a fuga de Ralph para a floresta, na qual depara-se com um dos símbolos deixados pelo grupo de Jack como oferenda ao monstro: um crânio de porco, jem estado avan´ado de decomposi´o, fincado numa estaca. Irado, o menino quebra-o, até perceber o cheiro de carne e, ao anoitecer, retorna escondido ao acampamento, onde v, uma fogueira. Sorrateiramente consegue conversar com os g, meos, que rapidamente o expulsam.

Isolado na floresta, Ralph planeja como fugir da persegui´o dos seguidores de Jack. Em pânico, imagina diferentes formas de escapar, se frustrando com todas. Resolve, então, esconder-se num arbusto, esperando que no momento que os garotos passassem por si, iria isolar-se na outra ponta da ilha. Porém, em dado momento é descoberto, e foge segurando sua estaca, a que violentamente brande contra o que acredita os outros meninos que o perseguem, enquanto estes riem escondidos na mata. Ralph estencurrulado, sujo, sangrando, temeroso, e põe-se novamente a correr, enquanto atrás de si ouve gritos, lan´as sendo arremessadas e passos logo atrás dos seus. Subitamente, chega na praia. Por um breve momento demora-se a adequar a vista à luz solar, e distingue um oficial da marinha, de p, na praia, com um navio atrás de si.

Todos, até mesmo os garotos que o perseguiram, diante de tal visão, põem-se paralisados. O oficial primeiramente, confirma se falam ingl, s e, diante disso, percebendo a situa´o pauprrema em que estão as crian´as, pergunta se há algum morto. Diante da confirma´o, pergunta quantos haviam originalmente, e diante da incapacidade de Ralph em responder-lhe, pergunta quem deles era o líder. O garoto responde com firmeza, ainda que Jack momentaneamente quisesse também faz, -lo. O militar, visivelmente incrédulo diante dos garotos fragilssimos, pintados, sujos, e feridos, diz acreditar que eles, sendo ingleses, saberiam se portar melhor, e nesse momento é interrompido pelo choro estridente de Ralph, o primeiro desde que chegara na ilha. Este é então acompanhado por todas as outras crian´as, que desabaram em lágrimas sem que o militar possa fazer alguma coisa além de esperar, e a narrativa conclui-se precisamente com essa imagem.

## 2.2 O texto e seu tempo

William Golding tinha 43 anos quando da publica´o de Senhor das moscas, em 1954.  época, a realidade do pós-guerra ainda assolava a consci, ncia europeia, e a britânica

nesse caso em particular: a dívida nacional elevava-se durante o conflito, e o racionamento alimentar foi realidade durante uma década após o fim da guerra. Após uma conflituosa busca por quem o publicasse, o autor enfim encontrou um lar para seu livro na editora Faber & Faber, após uma extensa revisão e trabalho editorial no manuscrito que fora apresentado. O texto, então, recebeu uma calorosa recepção do público, sendo fundamental para a decisão do comitê do Prêmio Nobel de Literatura em galardão-lo, em 1983.

Surgido de um desejo de propor uma releitura de outros dois clássicos britânicos, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, e *A ilha de Coral*, de R.M. Ballantyne, respectivamente dos séculos XVIII e XIX, que também tratam acerca do tema de ilha deserta, a proposta de William Golding traz um signo obscuro em seu retrato. No romance de Defoe, sob a guia do Iluminismo, o tema norteador da obra é a capacidade de o homem branco conquistar, moldar a natureza e catequizar o selvagem — sua maneira; na obra de Ballantyne, no auge do Romantismo, os protagonistas, crianças britânicas, conseguem através de seu esforço sobreviver na ilha deserta onde naufragam através das qualidades nutridas pela civilização ocidental.

Em *Senhor das moscas*, o texto de Golding redesenha esse clássico da ilha deserta. Primeiramente, faz-se notar que não há nativos na obra: estão ausentes os ameríndios e polinésios das duas obras anteriores (ou até mesmo os inventados, em outro clássico britânico acerca do desembarque em terras desconhecidas: *As viagens de Gulliver*). Não há quem converter ou inimigos completamente distintos — vista: somente as próprias crianças, forçadas a interagir entre si próprias. Avançando, a natureza descrita, ainda que de forte teor tropical, não é convidativa, como nas outras obras: a mata é descrita como densa e impenetrável, o calor, passado o prazer momentâneo, é incômodo.

Escrito sob a sombra da segunda guerra mundial, o tom cênico prepondera no romance. Observando o espírito vitorioso nos próprios britânicos ao participar da vitória contra o nazifascismo, Golding propõe, em sentido contrário, uma provocação apreensiva a esse otimismo: a percepção de que há algo de nazismo em cada um, e a Alemanha não era mais propensa — violência do que qualquer outra nação (HAWLIN, 2008).

Tal visão de mundo, colocada em termos literais e metafísicos na obra, não é acidental. O autor, mesmo veterano da marinha britânica durante o conflito, continuaria a afirmar uma visão pessimista do gênero humano, considerando-o um ser caído. Com esse intento em vista, Golding buscava alcançar não somente uma leitura consciente do estado de mundo em sua época, mas apresentar uma ambientação ontológica acerca da natureza humana. Como o próprio disse:

O tema é uma tentativa de rastrear os defeitos da sociedade através dos defeitos da natureza humana. A moral é a de que o formato de uma sociedade deve depender da natureza física do indivíduo e não de nenhum sistema político ainda que aparentemente lógico ou respeitável. (GOLDING, 1966)

Ainda que tal foco seja relevante, para os fins da análise promovida no presente trabalho, o romance mencionado será lido enquanto ficção histórica (BLOOM, 2008). As demais interpretações possíveis (alegoria bíblica, tratado acerca da natureza humana, dentre outros), como as mencionadas na própria contracapa da edição nacional do livro, ainda que relevantes no tocante à multiplicidade de leituras possíveis da obra, serão mencionadas apenas tangencialmente, de modo a não desviar do ponto focal que aqui se pretende traçar. Passa-se, assim, ao breve traçar da trama do livro.

### 2.3 Legado e relevância para o estudo do Direito

A força da narrativa criada por William Golding é demonstrada no comunicado de imprensa que justificou sua premiação no Nobel de 1983: a diversidade e universalidade de seus mitos. Ainda, sua longevidade se demonstra na miríade de leituras possíveis de tais mitos e símbolos, nos quais a crítica tem se dedicado a décadas em desvelar.

A primeira dimensão de leitura a ser considerada é o aspecto simbólico-bíblico, indicado pela referência do título à figura mitológica de Belzebu. No entanto, como mencionado anteriormente, diversos aspectos indicam que a melhor leitura se guia por outro caminho. A própria experiência da realidade aponta na direção contrária: quando, em 1965, um grupo de seis adolescentes, sobreviventes de um naufrágio, viram-se abandonados por 15 meses numa ilha deserta, o resultado não poderia se distanciar mais do exposto no livro: os garotos conseguiram organizar-se numa ilha, caçando animais e coletando frutos organizadamente, bem como construindo seus abrigos, produzindo fogo apenas com galhos velhos de árvores e chegando ao ponto de construir mesmo instrumentos musicais, utilizados para animar os espíritos durante o período em que estiveram isolados.

Não sendo, assim, de leitura particularmente útil em seu aspecto de exploração da natureza humana (BLOOM, 2008), resta buscar melhores leituras em outros símbolos, considerando o contexto histórico de concepção da obra. Orientando deste modo a análise do texto, a consciência de sua criação no pós-guerra permite focar na relevância que as representações de sociedade, democracia e governo desempenham na narrativa, todos esses conceitos caros ao Direito.

Considerando em alta conta sua herança britânica (GOLDING, p. 45), os garotos já decidem por iniciar sua ocupação na ilha através do estabelecimento de uma ordem, na busca por garantir um progresso social: da total instabilidade de se verem não supervisionados numa ilha, para uma autogestão democrática. Inicialmente, se tenta através de todas as formas conceber os elementos necessários para tal organização social: nomes (uma vez que tal forma de identificação é uma criação social), deliberações (através das reuniões, comuns ao arranjo democrático), ordem (simbolizada na concha), e divisão de trabalho. Todos estes, porém, um a um, falham em estabelecer o tecido social necessário para o sucesso da empreitada dos meninos (CARPI, 2007). Porquinho nem mesmo consegue recolher os nomes de todas as crianças, as reuniões sucessivamente vão se desintegrar em desentendimentos, o poder simbólico da concha em garantir a ordem ser atropelado, e as tarefas assinaladas a cada um serão aos poucos descumpridas.

Os desafios, ou melhor dizendo, as dificuldades em manter operante uma organização democrática, e talvez mais especificamente, nos moldes de uma democracia liberal, são questões que abundam em Senhor das moscas.

A crise política na democracia tentada pelos meninos se dá não somente pela falha da implementação de suas próprias instituições, mas pela falha da conexão individual entre cada indivíduo e elas. Se é verdade o que Derrida diz em *Força da Lei* (DERRIDA, 2010 [1994]), para que um indivíduo se submeta a determinada lei, existem condições a serem satisfeitas. Sob tal perspectiva, é permitido apontar como signo maior de insatisfação insubmissão ao acordo social feito entre os garotos a figura encontrada em Jack Merridew.

Mais do que insubmisso, o que se vê, é que Jack posteriormente consegue, ele próprio, fundar outra organização, surgida de uma completa ausência de nomes (os garotos, sob sua liderança, passam mesmo a agir de forma animalésca), cuja ordem e tomada de decisão partem autocraticamente do líder, e cuja divisão de trabalho, ordenada em moldes rudimentarmente militares, se orienta ao belicismo e caça.

O imaginário fascista utilizado para caracterizar Jack desde o início da obra imediatamente o aponta como principal disruptor da tentativa de democracia organizada por Ralph e Porquinho. Desde a sua chegada, disciplinadamente liderando a marcha dos garotos do coro (GOLDING, p. 20), sua vestimenta negra, com uma cruz prateada ao peito, a seus frequentes embates com Ralph e seu desdém pelo uso da concha como demarcador da ordem e horizontalidade (ibid., p. 40, 45, 93, e outras), Jack contraditoriamente busca também instituir regras e punir os que não as seguem. Quando enfim descobre o poder em mascarar-se, a virada da chave em seu personagem manifesta-se de forma potente: não teme mais

infringir o conjunto de regras montado pelos demais, e ativamente põe-se como a real figura de autoridade, minando a liderança de Ralph. Como notado por Watt (2014), a relação entre mascarar-se o rosto refere-se tanto ao clamor por assumir a liderança quanto à ruptura com a ordem anterior. Que isso não signifique, portanto, a adequação ao binômio civilizado-barbárie. O que o autor propõe em *The law of dress in Lord of the Flies* é a percepção de que o símbolo de Jack em suas pinturas militares, em vez das vestimentas comuns que os demais garotos ainda tem, reflete na relação dessas crianças com suas regras. A vestimenta muda, mas a ideia de regras permanece, ainda que totalmente alterada. Quando liderados por Jack, em vez de Ralph, os meninos não estão abandonando a democracia civilizada para a barbárie, mas alterando a forma como querem se organizar enquanto governo: a forma muda, mas o fato essencial de que há governo permanece (WATT, 2014).

### 3 DEMOCRACIA REPRESENTATIVA E SEUS DESAFIOS NO ROMANCE SENHOR DAS MOSCAS

Este capítulo objetiva apresentar um panorama breve, suficiente para os fins deste trabalho, acerca de alguns desafios sociopolíticos – democracia representativa conforme entendida desde a época da publicação de *O senhor das moscas* até os dias atuais. A opção por essa forma, em detrimento da democracia direta, por exemplo, deve-se em razão dos elementos encontrados na narrativa que demonstram a preocupação do autor em retratar, de forma simbólica, questões ligadas – representativa, com na escolha de um líder para o grupo. Assim, para satisfatoriamente abordar tais conceitos, utilizaremos um punhado de textos que objetivam ser diversos, de forma a enriquecer o horizonte teórico utilizado, com clássicos como *Da democracia na América*, de Tocqueville, ao recente *Como as democracias morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt. Inobstante, entre os extremos, serão abordadas as preocupações contemporâneas da escrita do romance acerca dos mesmos temas.

#### 3.1 O que se quer dizer por democracia representativa

Para uma breve contextualização, é interessante remontar a um dos textos seminais sobre a democracia representativa como a entendemos hoje. Ao escrever *A democracia na América*, em 1831, Alexis de Tocqueville teve como objeto a nascente potência dos Estados Unidos, onde, talvez pela primeira vez, os valores do liberalismo e da democracia encontraram traço em conjunto, partindo de uma ideia, ainda anterior, vinda da tradição liberal inglesa. Sobre o tema, Bobbio destaca que a união de valores do liberalismo com a democracia foi, durante muito tempo, considerada antinômica (BOBBIO, 2000). Segundo o teórico italiano, Os liberais modernos desconfiavam do sufrágio universal, sendo defensores de sua restrição. Isso, porém, destaca-se, seria uma contradição levantada em relação ao que o autor denomina de ‘democracia dos antigos’ (ibid., p. 37). Ainda assim, concessões teóricas são feitas, como ao afirmar que:

Já a democracia moderna não só não é incompatível com o liberalismo como pode dele ser considerada, sob muitos aspectos e ao menos até um certo ponto, um natural prosseguimento. Com uma condição: que se tome o termo ‘democracia’ em seu significado jurídico-institucional e não no ético, ou seja, num significado mais procedimental do que substancial. (ibid., p. 37)

O significado procedimental, associado pelo autor aos ideais liberais, seria o da

democracia como governo do povo, em lugar da democracia em sentido substancial, que descreve como governo para o povo. Tal ideia é gravada substancialmente no imaginário democrático estadunidense, seja lembrada no famoso discurso de Gettysburg, proferido por Lincoln, ao afirmar um governo do, pelo e para o povo, seja através do que registra Tocqueville em sua obra.

Tem-se, portanto, já sintetizados no pensamento de ambos os autores os fatores que, unidos, resultariam numa concepção da democracia que se busca entender: o povo como tomador de decisões, manifestando-se principalmente através do voto, e que encontra sua vontade constituída através de representantes eleitos. É assim, inclusive, que a própria Constituição Brasileira de 1988 descreve o poder que, emanado do povo, é exercido de forma mediada: "Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição" (BRASIL, 1988).

É a partir dessa união, estranha tradição liberal (BOBBIO, 2000), que pensamento liberal e democrático iniciam sua tradição em solo americano. Uma característica essencial da democracia moderna que a surge, como destacada pelo teórico italiano, é a representatividade. Em sua análise comparativa do que se tem hoje com o que chama de democracia dos antigos, é esse o principal fator diferencial levantado por Bobbio. Buscando-se um referencial ainda anterior a Tocqueville, é possível observar ser esta uma preocupação registrada no próprio O federalista (1788 [2003]). Na coleção de ensaios redigidos por Hamilton, Madison e Jay, os autores demonstram uma preocupação relacionada à instabilidade que percebem ter acometido aos gregos e romanos antigos, atribuindo-a, dentre outras questões, ao modelo de democracia direta dos helênicos. Ao comentar sobre essa "pura democracia", os autores são categóricos em concluir que seu exercício é impraticável, e que tal modelo, composto por um grupo pequeno de cidadãos, está sujeito a fragmentar-se e às "desgraças da facção" (HAMILTON; MADISON; JAY, 2003, p. 60).

Com isso em mente, e buscando uma alternativa que viesse a atender tanto a seus interesses democráticos quanto ao que acreditavam ser o espírito do liberalismo, os autores chegam à forma da democracia representativa em moldes aproximados daquela que se entende hoje. Como governo representativo, este estaria livre da desintegração imediata pela desordem, sendo "mais possível que a vontade pública, expressa pelos representantes do povo, esteja em harmonia com o interesse público" (HAMILTON; MADISON; JAY, 2003, p. 64). Ainda assim, porém, esse novo modelo estaria sujeito a seus próprios desafios. A possibilidade da eleição de chefes facciosos e a manipulação dos interesses de muitos em detrimento da manutenção dos direitos de alguma minoria, visíveis no contexto da escrita de

Senhor das moscas e na contemporaneidade, já se encontravam, assim, antevistas no nascimento da democracia representativa, ainda em 1788.

No entanto, é preciso notar que tal modelo de democracia representativa não foi universalmente aceito, sendo o seu próprio conceito extensamente questionado. Como apontado por Bobbio, desde seu início foi apontada a incongruência aparente na união de tais valores. Ainda antes da realização do modelo na América, diante do exercício do voto no Parlamento Inglês, Rousseau concebe a noção de representação através de eleições como inimaginável. Escreve o filósofo genebrino:

A soberania não pode ser representada, pela mesma razão que não pode ser alheada. Consiste essencialmente na vontade geral, e esta vontade não se representa. É a mesma ou outra, e nisto não há termo médio. Os deputados do povo não são, pois, nem podem ser, seus representantes, são simplesmente seus comissários que não estão aptos a concluir definitivamente. Toda lei que o povo pessoalmente não ratificou é nula e não é uma lei. O povo inglês pensa ser livre e engana-se. Não é livre durante a eleição dos membros do Parlamento. Uma vez estes eleitos, torna-se escravo e nada mais. Nos curtos momentos de sua liberdade, o uso que dela faz bem merece que a perca. (ROUSSEAU, 1762 [2011], p. 101).

Mais de duzentos anos depois, as críticas à democracia liberal persistem. Diversos autores acompanharam o coro iniciado por Rousseau, sendo digno de nota o registro feito por David Van Reybrouck no seu *Contra as eleições*, do declínio da confiança na democracia entre a juventude. Em seus estudos abrangendo principalmente o continente europeu, o historiador belga descreve a apatia dos jovens europeus diante da política, e tal falta de interesse transparece na dificuldade em se formar governo na Bélgica, na desconfiança na liberdade real da imprensa, no recorde mínimo de novos filiados em partidos, os exemplos abundam. A crise de legitimidade que atinge a democracia representativa é sintetizada na própria obra: todos parecem desejá-la, mas ninguém acredita nela (REY BROUCK, 2017).

### 3.2 Colapso das democracias europeias no entreguerras no Século XX

O panorama observado na Europa do início do século XX, finda a Primeira Guerra Mundial, era de decadência e recuperação. Apesar da crise humanitária que assolou o continente europeu, em 1920 contavam-se 26 dos 28 estados europeus como democracias. Em 1938, momentos antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, esse número seria reduzido pela metade, cuja outra face se convertera em ditaduras (BERMEO, 1997).

A progressão de um estado político para outro em tal contexto, que viu o surgimento do nazifascismo, é relevante medida que foi o contexto para o qual Golding olhou, em retrospecto, durante a escrita de *Senhor das moscas*. Diante do cenário descrito no

qual seria fácil de imaginar a consolidação da democracia representativa, suposta a partir da maioria descrita acima, o que se observa em sua crise generalizada.

A raiz para tal crise do modelo democrático, e sua eventual falência, é profunda em todos os países que se viram como ditaduras posteriormente. Em Portugal, António Costa Pinto (2007) descreve como desde a primeira década do século XX existiam ideologias e movimentos com vocação para apoiar a ditadura que se instaurou com o golpe de 1926.

Alguns anos antes, em 1922, acontecia a marcha sobre Roma, marcando o início da firmeza com que o fascismo galgava ao poder na Itália. Como Ziblatt e Levitsky registram, ainda que o grosso dos camisas-negras fosse composto por hordas mal-alimentadas e dispersas, Mussolini conseguiu fazer-se temer e ser respeitado no Parlamento (ZIBLATT; LEVITSKY, 2018). Os mesmos autores, também, são categóricos na afirmação do perigo em permitir-se a manifestação vocal de sujeitos abertamente contrários ao regime democrático existente. Historicamente, é tal permissividade que legitima a existência do nazifascismo. Na literatura, é de fácil assimilação tal conceito – falta de acordo, por Ralph, Porquinho e os demais, diante dos absurdos declarados e feitos por Jack.

### 3.3 Dos desafios – democracia representativa

Continuando a amparar-se na extensa pesquisa feita por Reybrouck, mencionada anteriormente, cujo panorama histórico é o século XXI, este dedica alguns capítulos dela ao que chama de diagnósticos da crise de legitimidade da democracia (REY BROUCK, 2017). Além desses dados, o autor apresenta diversos estudos recentes, nos quais é possível ver, nas democracias europeias, a fragilidade do piso onde tais governos democráticos representativos se firmam.

O afastamento entre a classe política e a população geral desponta como uma questão essencial. Num estudo realizado por Peter Kanne, mencionado por Reybrouck, aponta-se que 87% do alto escalão político dos Países Baixos consideram-se inovadores e progressistas, ao mesmo tempo em que 89% consideram a população como tradicionalista e conservadora. Do outro lado, a população também olha com desconfiança os seus políticos, tendo estes recebido uma nota 4, numa escala até 10, numa pesquisa realizada entre os cidadãos da União Europeia (REY BROUCK, 2017).

Transferindo-se as lentes para o Brasil, essa desconfiança não é menos aparente: Uma pesquisa levantada pelo Instituto Locomotiva em agosto de 2018

(INSTITUTO LOCOMOTIVA, 2018), alguns meses antes da vitória de Jair Bolsonaro nas eleições, apontou um número ainda maior: 96% dos entrevistados manifestaram não acreditar que os representantes se preocupam, de fato, com a população. Ainda: 97% dos questionados afirmaram ser fundamental uma renovação na política brasileira. A questão torna-se curiosa quando contrastada com outro levantamento: segundo estatísticas divulgadas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), somente cerca de 2% dos filiados nos partidos políticos estão na faixa etária abaixo dos 25 anos.

Ainda que as eleições de 2022 tenham demarcado um momento importante na mudança de trajetória na política brasileira, permanece o fato de que a maioria da população olha, em alguma medida, com desconfiança para o cenário político. Diante de tais dúvidas e incertezas, desafios comuns à democracia representativa, o perigo do autoritarismo revela-se.

Publicado em 2018, ano em que Jair Bolsonaro seria eleito e Donald Trump ocupava a presidência dos Estados Unidos, Como as democracias morrem busca entender o que chama de "alianças fatídicas", que são entendidas como acordos, explícitos ou não, feitos entre membros já estabelecidos do dito jogo democrático com outros, que, apesar de demonstrarem desdém pelas regras da democracia, têm algum apelo popular, e dele fundam uma espécie de legitimidade. Como exemplo histórico se têm a guinada do nazifascismo na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler. São os mesmos autores que expõem a facilidade com a qual o Duce utilizou de sua influência no parlamento para alimentar o temor dos socialistas, e assim ganhar a confiança dos setores mais tradicionais do liberalismo italiano:

Os pelotões de fascistas em todo o país eram uma ameaça, mas as maquinarias de Mussolini para tomar as rédeas do Estado nada tiveram de revolucionário. Ele usou os 35 votos parlamentares do seu partido (em um total de 535), as divisões entre os políticos, o medo do socialismo e a ameaça de violência dos 30 mil camisas-negras para capturar a atenção do tímido rei Vitor Emanuel III, que viu em Mussolini uma estrela política ascendente e um meio de neutralizar a agitação.

Com a ordem política restaurada pela nomeação de Mussolini e o socialismo em retirada, o mercado de ações italiano subiu fragorosamente. Estadistas mais velhos do establishment liberal, como Giovanni Giolitti e Antonio Salandra, se viram aplaudindo a virada dos acontecimentos. Eles encaravam Mussolini como um aliado útil. Contudo, como o cavalo da fábula de Esopo, a Itália logo se viu sob rédeas e esporas. (ZIBLATT; LEVITSKY, 2018, p. 20)

Contemporaneamente, os autores expõem longamente como as lideranças conservadoras nos EUA permitiram o aumento de força de Donald Trump, apesar de suas reiteradas falas antidemocráticas e penderes ao autoritarismo. Não somente tais lideranças falharam, como toda a superestrutura da política estadunidense e a mídia do país não se moveram para repúdio com contundência (ZIBLATT; LEVITSKY, 2018). Os paralelos com o romance de Golding serão trabalhados diretamente no capítulo seguinte, mas o tema

central da complacência das instituições diante das ameaças autoritárias pode ser percebido como recorrente historicamente, e representado na obra na figura de Jack.

No Brasil, a crise de legitimidade dos partidos tradicionais apresentou um resultado que, todavia semelhante, possui características que o tornam ainda mais intrigante. Isso porque apesar de ser frequentemente visto por parte expressiva de sua base eleitoral como outsider político, renovador no panorama nacional, utilizando justamente tal imagem a seu favor em sua campanha, Bolsonaro foi deputado federal pelo Rio de Janeiro durante 27 anos. Mesmo sendo, pelo contrário, um insider da política, ainda que fizesse parte do chamado 'baixo clero', e ligado ao centro-direita, o ex-presidente conseguiu construir uma figura de renovação na política. Novamente, aconteceram as alianças fatídicas, e, novamente, viu-se uma guinada autoritária em seu governo. Em alguma semelhança com o que será melhor abordado em seu capítulo próprio, a conivência com a postura autoritária e reiterada de Jack pelos demais personagens de Senhor das moscas o que acaba por permitir sua eventual ascensão ao poder, levando aos eventos já narrados no capítulo anterior. É a indecisão de Ralph e sua falta de capacidade em de fato conduzir sua liderança que ajudam a minar o sucesso da organização dos garotos na ilha.

Voltando à exposição feita por Reybrouck, a segunda crise na democracia representativa, após a da legitimidade, é a de eficácia. O autor comenta que nos Parlamentos europeus, projetos chegam a aguardar quinze anos para chegar à forma de lei. Não somente isso, como as questões passíveis de serem resolvidas pelos governos nacionais tornam-se diminutas diante das grandes questões de nosso tempo, como a crise ambiental. Em síntese, as armas disponíveis no arsenal dos eleitos revelaram-se cada vez mais ineficazes com o tempo, e, na síntese feita pelo autor:

Aqui está o cerne da crise de eficiência: a democracia foi pouco a pouco perdendo os dentes ao mesmo tempo que devorava seus próprios filhos. Em vez de mastigar discretamente, no seu canto, com vergonha de seus defeitos, sem ter muito poder de ação, o político de hoje deve se expor às eleições e a mídia não lhe deixa escolher, de preferência levantando o punho, abrindo a boca e flanco, para dar boa impressão de energia e força. Ao menos ele crê nisso. Em vez de reconhecer com humildade as mudanças nas relações de poder e buscar novas formas de governar, que façam sentido, o político é obrigado a continuar a jogar a partida midiático-eleitoral, frequentemente contra sua vontade e a do cidadão, que come a se cansar do espetáculo: toda essa histeria, exagerada e artificial, não é capaz de restaurar a confiança. A crise de eficiência agrava a crise de legitimidade (REY BROUCK, 2017).

Assim como o outro ponto, esse também apresenta um forte diálogo com o que se registra na obra de Ziblatt e Levitsky. É precisamente a falta de eficiência visível nos instrumentos democráticos o instrumento utilizado pelos demagogos para, ao mesmo tempo,

ridicularizar o funcionamento da democracia, como para clamar a necessidade de que estes cheguem ao poder. Citando o exemplo de Alberto Fujimori, os estudiosos norte-americanos descrevem como esse sujeito, reitor universitário e completamente alheio ao meio político peruano, chegou à presidência. Subindo vertiginosamente nas pesquisas precisamente por sua imagem como "ninguém" (termo usado pelos autores), o ex-ditador peruano, em seu discurso de posse, utilizou da retórica de invalidação da eficiência democrática para calcar a sua suposta necessidade de autoritarismo:

Em seu discurso de posse, Fujimori advertiu que o Peru enfrentava a "mais profunda crise de sua história republicana". A economia, disse ele, estava "à beira do colapso", e a sociedade peruana vinha sendo "despedaçada pela violência, a corrupção, o terrorismo e o tráfico de drogas". Fujimori prometeu "tirar [o país] da situação em que se encontrava e conduzi-lo para um destino melhor". (ZIBLATT; LEVITSKY, 2018, p. 71).

Semelhante discurso de crise profunda, economia em colapso e argumentos moralizantes sustentados na guerra às drogas e a uma crise na segurança pública são conhecidos pelo eleitor brasileiro, que os viu sendo proferidos por Jair Bolsonaro na sua própria campanha. Note-se, entretanto, que a problemática trazida pelos autores não diz respeito à factualidade de tais problemas, que podem muito bem existir, como no cenário brasileiro, mas sim na sua instrumentalização com os fins de deslegitimar o que se fez antes, como forma de apresentar-se como única solução.

A instrumentalização de problemas irrealis ou complexos, como os supostos complexos judeus do século XX ou a ideologia de gênero na atualidade, é alvo da alegoria de Golding através do monstro que supostamente ronda a ilha. Se visto ou delirado por algumas crianças, não é relevante: a sua figura enquanto retórica dita por Jack é suficiente para instaurar o medo, chegando ao cúmulo da realização de uma eleição a respeito da existência de fantasmas. O clima de terror, por sua vez, torna-se uma justificativa para o espírito belicoso, a suspeita, e a necessidade de manutenção dos líderes, mesmo que estes descumprissem suas funções mais relevantes. Na realidade vivida por Golding, a retórica da ameaça comunista ou judaica foi fundamental para justificar o desejo expansionista nazista e o antissemitismo.

Por fim, além das questões relacionadas às dificuldades de se conseguir evitar que os cargos representativos na democracia sejam ocupados por sujeitos que não têm a intenção de respeitá-la, como seria o caso de Jack em Senhor das moscas, por exemplo, existem matérias relacionadas ao momento anterior: a como a própria sociedade civil organiza-se e participa num governo democrático.

Em *The idea of public reason revisited*, John Rawls trabalha com seu conceito de liberalismo político, aprofundando questões e abordando críticas anteriores. Na obra, o autor defende que somente quando o poder político encontra-se em acordo com as disposições constitucionais, que devem ser subscritas pelos cidadãos, ele pode ser considerado correto (RAWLS, 1997). Para o autor, a sociedade civil, inerentemente plural em uma democracia, deveria pressionar seus representantes para a adoção, e, através de um equilíbrio racional dos diversos interesses trazidos pela população, os representantes conceberiam uma solução ponderada.

No entanto, como já exposto, a própria manifestação popular é sujeita à manipulação. Em *Senhor das moscas*, Jack se utiliza da sugestão do monstro para motivar uma expedição à ilha e minar a segurança de Ralph. Antes disso, o próprio Ralph utilizou-se puramente de retórica, sem sustentação na realidade, para tranquilizar os ânimos gerais. Num ensaio intitulado *O fascismo eterno*, que mistura reflexão política e memória pessoal, Umberto Eco relembra decorar os discursos de Benito Mussolini como atividade escolar, com desfiles e redações feitos com sua temática (ECO, 2018). Em 2022, em plena corrida eleitoral, Jair Bolsonaro utilizou do feriado nacional de independência como palanque político para sua causa, e desde o início de suas campanhas presidenciais adotou o verde e amarelo como cores exclusivamente ligadas a si. De que forma pode se esperar uma posição livre da sociedade civil quando todo o seu entorno funciona de modo a continuamente afirmar uma ideia fixa?

São os perigos do que, para Eco, é o maior desafio no equilíbrio democrático: a ameaça do autoritarismo e do fascismo. O próprio conceito do que seria a ideologia fundada por Mussolini é complexo, como reconhece o autor, existindo uma ampla diversidade de cientistas políticos que buscam entendê-lo. Alguns, por exemplo, destacam a importância de reconhecê-lo como evento historicamente isolado, isso não podendo ser referido a eventos históricos anteriores à década de 1910, nem a eventos posteriores que, por mais abertamente inspirados, possuam suas particularidades históricas ou nacionais que os diferenciam, como Emilio Gentile (2019). Outros, numa interpretação mais ampla, buscam apresentar noções gerais que apontam para a inclinação fascista que pode se apresentar em políticos posteriores, como nas já mencionadas comparações feitas aos governos de Jair Bolsonaro e Donald Trump.

Umberto Eco é um teórico da segunda linha. No entanto, destaca duas questões que justificam a incerteza ao conceituar-se o fascismo: o que chama de *debilidade filosófica* da ideologia, em comparação ao nazismo, que tinha no *Mein Kampf* sua declaração de princípios e guia ideológico. E a segunda questão, complementar da primeira, é que existe

uma coerência em entender o fascismo como uma retórica, além de uma ideologia:

Chegamos agora ao segundo ponto de minha tese. Existiu apenas um nazismo, e não podemos chamar de `nazismo\_ o falangismo hipercatólico de Franco, pois o nazismo é fundamentalmente pagão, politeísta e anticristão, ou não é nazismo. Com o fascismo, ao contrário, é possível jogar de muitas maneiras sem que mude o nome do jogo. Acontece com a noção de `fascismo\_ aquilo que, segundo Wittgenstein, acontece com a noção de `jogo\_. Um jogo pode ser ou não competitivo, pode envolver uma ou mais pessoas, pode exigir alguma habilidade particular ou nenhuma, pode envolver dinheiro ou não. Os jogos são uma série de atividades diversas que apresentam apenas alguma `semelhança de família\_ (ECO, 2018, p. 32).

Apesar disso, o pensador italiano descreve um grupo de características do que chama de `ur-fascismo\_, isso é, a tentativa de entendê-lo como fenômeno não concentrado num dado momento da história italiana, mas que se alarga e se manifesta de diferentes formas, e que mesmo que algumas das características se contradigam, é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista. (ibid., 2018). São elas: o culto da tradição; a recusa da modernidade; o culto da ação pela ação; a suspeita da controvérsia; o apelo à frustração da classe média; a obsessão conspiratória; o culto ao inimigo; a guerra permanente; o desprezo pelos fracos; o populismo qualitativo.

A breve exposição conceitual desses termos será feita no capítulo seguinte, mas o que deve se registrar ao final do presente é a adequada adequação de tais características, bem como dos demais desafios democráticos já apontados anteriormente por um amplo repertório de teóricos, com as situações apresentadas em Senhor das moscas. Escrito antes da sistematização realizada por Eco, somente uma década após o fim da guerra, é notável a similitude dos comportamentos e eventos narrados por William Golding em sua obra com as concepções teóricas, por exemplo, da democracia direta descrita pelos federalistas e seu espelho nas reuniões na praia, feitas pelas crianças; dos desafios na representatividade expostos por Reybrouck e das tribulações enfrentadas por Ralph em firmar-se como líder dos garotos; da falha na democracia em impedir que seus opositores a tomem a partir de dentro na sucessão de Ralph pelo violento Jack Merridew; e nas características do fascismo expostas por Eco, várias das quais se encontram concretizadas no comportamento de Jack e na forma que este conduz os meninos sob seu mando.

## 4 DESAFIOS DA DEMOCRACIA EM SENHOR DAS MOSCAS

No primeiro capítulo, fizemos uma breve exposição do contexto em que *Senhor das moscas* foi produzido, o plano geral de sua trama e seu legado imediato para a literatura do século XX. No capítulo seguinte, discutimos algumas questões relacionadas à formação da democracia liberal e representativa, particularmente nos Estados Unidos, e os desafios que tal modelo encontra no mundo contemporâneo, destacando o fenômeno histórico do fascismo. Neste terceiro capítulo, os desafios relacionados à democracia mencionados anteriormente serão analisados em suas representações ficcionais na trama do livro de William Golding, observando os diagnósticos e análises feitos pelo autor através do trabalho literário.

### 4.1 Deliberação e representação

Retomando o fio narrativo de *Senhor das moscas*, a preocupação de Golding em apresentar a necessidade de organização desde o primeiro momento em que os personagens do livro se percebem ilhados é notável. Saber todos os nomes, fazer uma lista, e organizar uma reunião: são essas exigências, elencadas por Porquinho, as que se deveriam cumprir o mais rápido quanto possível, de modo a garantir o mínimo de organização que pudessem. Não que a opinião do personagem possa ser vista como detentora de legitimidade entre as demais crianças, isso é, de que seu encadeamento de prioridades fosse concordado por todos. Do contrário, como se vê, a constituição de um vínculo social, ali, acontece de forma mais próxima do acidental do que de fato pelo desígnio do grupo, com Ralph e Porquinho assumindo suas posições de liderança puramente por serem os primeiros a agir (RAPOPORT, 2006).

De fato, é somente com o som da concha soprada por Ralph, servindo de nome ao primeiro capítulo do livro, que se agrupam os meninos. Ali, além de Porquinho, todos os outros se mostram completamente atônitos, sendo reverentes mais por uma automação do que pela compreensão real do que estava acontecendo. Isso é, até a chegada de Jack e do coro. O trecho que descreve essa aproximação é escrito de forma a frisar o caráter completamente distinto do grupo: seja por suas vestimentas, pelo senso de organização e disciplina que se põe em sua marcha, ou pela clara e firme liderança manifestada por Jack desde o início, em contraste com um ainda hesitante Ralph. Esse conflito, que orientará a tensão da obra e levará aos eventos catastróficos que já se sabe, pode ser entendido como a representação de um conflito entre civilização e estado de natureza, como defende a leitura de Boyd (2008) ou como, por vezes, fez menção o próprio autor. Por fim, sob a luz da leitura de Diken e Laustsen

(2006), esse contraste é outro: é o entre um utopismo democrático e a fantasia da transgressão.

O utopismo inicial, ainda que permeado pelo desejo do resgate, é visível na fantasia de Ralph, vendo a ilha como "o lugar tão imaginado mas nunca plenamente concebido, invadindo a vida real" (GOLDING, 2021). Tocada a concha, reunidos os grupos de crianças, estes formam um "círculo de solidariedade", reiterando a ideia inicial da possibilidade de utopia que a democracia oferece. Ecoando Tocqueville (2019), a ideia de se divertir e brincar de eleição como a concretização das imagens que o espírito humano persegue quando sonha.

Sobre tal ponto, é essencial perceber também a importância da herança britânica reivindicada por todos os garotos. "Não somos selvagens, somos ingleses" (GOLDING, 2021), afirma Jack. Como mencionado no capítulo anterior, um dos antecedentes mais imediatos da noção moderna de democracia liberal e representativa encontra-se no pensamento inglês. Assim, o caráter representativo dos garotos se pronuncia, ainda que não tenha uma pretensão de funcionar puramente como alegoria. Deste modo, é compreensível como a ideia de organização horizontal (ou de uma democracia direta) não prospera, sequer chegando a ser ventilada: Ralph rapidamente nota a necessidade de escolha de um líder, avançando no atrito com Jack, que também reivindica tal posto.

No entanto, não há discussão de valores, ou mesmo ponderação de motivos para a escolha: Ralph é prontamente escolhido, sendo fortemente sugerido que o mero fato de ter soprado a concha lhe conferia autoridade na visão das demais crianças. É curiosa, portanto, a noção destacada, por exemplo, na leitura de Pandit Chavan, que destaca o que chama de sabedoria democrática de Ralph (CHAVAN, 2013), ou de Eliza Wajcik, ao afirmar que este é Porquinho só os que insistem na defesa da ordem democrática (WAJCIK, 2020). Desde o início, a posição de liderança de Ralph se coloca mais por acaso do que por, de fato, uma manifesta e deliberada decisão coletiva. Mais que isso, a narrativa não economiza comentários para indicar o caráter completamente acidental de tal liderança, assim como questionar a pretensão de "voz da razão" que Porquinho toma para si.

Isso se exemplifica ainda na primeira reunião, quando Ralph afirma ser óbvio que os adultos iriam enviar um resgate em busca deles na ilha, e a narrações o complementa, ao afirmar que "aquela declaração simples, sem o apoio de qualquer prova além do peso da autoridade recente de Ralph, trouxe luz e alegria a todos" (GOLDING, 2021). Ainda, seu respeito como líder se dá por ter soprado a concha e por ser mais velho que a maioria dos demais. Por outro lado, mas complementarmente, Porquinho por vezes demonstra suas próprias inclinações antidemocráticas em favor de um desejo de manutenção da ordem. Seja

no desdém implícito com que observa as demais crianças, como no debate acerca da existência ou não de fantasmas, seja na recusa em participar das atividades mais laborais do grupo, o personagem reiteradamente assume uma posição de deslocamento, em sua suposta sabedoria, posicionando-se acima dos demais.

Tal afetação, que esconde por trás de si uma sutil vertente autoritária, ainda diferente da apresentada por Jack, atinge seu ápice no décimo capítulo, A concha e os olhos. Ali, após a cisma com Jack – ocasionada após o último tentar reivindicar a liderança e tirar tal posto de Ralph – que levou consigo o coro e posteriormente a maioria das crianças, Ralph e Porquinho vão ao acampamento do outro garoto, observar como estão vivendo as crianças. Observam-nas num enorme ritual, com danças ao redor da cabeça do porco morto, até que das sombras surge Simon, o garoto cujas alucinações o afastaram do grupo, indistinto entre a multidão, sendo violentamente espancado pelos seguidores de Jack e seu corpo levado à beira da praia, tido como o suposto monstro que todos temiam. Após esses eventos, no dia seguinte, retornados ao seu próprio acampamento, Ralph e Porquinho conversam sobre o que testemunharam. O primeiro, à noite, lembrando a atrocidade, e o segundo tentando dissuadi-lo a esquecer, mentir e esconder tal memória dos demais:

A voz de Ralph, grave e magoada, interrompeu os gestos de Porquinho, que se inclinou e ficou esperando. Ralph, com a concha nos braços, balançava o corpo para a frente e para trás.

‘Vocês não entenderam, Porquinho? As coisas que a gente fez’ \_

‘Ele ainda pode estar’ \_

‘Não.’ \_

‘Podia estar fingendo’ \_

A voz de Porquinho se calou quando ele viu o rosto de Ralph.

‘Vocês estavam do lado de fora. Fora do círculo. Nunca chegou a entrar na roda. E não viu o que a gente fez’ \_ o que eles fizeram? \_

Sua voz estava cheia de horror, e tomada ao mesmo tempo por uma espécie de animação febril.

‘Não viu, Porquinho?’ \_

‘Não vi direito. Hoje eu enxergo por um olho, vocês sabem disso, Ralph.’ \_

Ralph continuava balançando para a frente e para trás.

‘Foi um acidente’, declarou Porquinho de repente, ‘É isso. Um acidente’. Sua voz tornou a ficar aguda. ‘Chegando no escuro’ \_ ele não tinha nada que chegar no escuro, se arrastando daquele jeito. Ele era meio doido. Foi tudo culpa dele mesmo.’ \_ Fazia mais gestos largos.

‘Foi um acidente.’ \_

‘Vocês não viram o que eles fizeram’ \_

‘Escute, Ralph. A gente precisa esquecer essa história. Não vai adiantar de nada ficar pensando nisso, vocês não vão?’ \_

‘Estou com medo. Da gente. Quero voltar pra casa. Ah, meu Deus, quero voltar pra casa.’ \_

‘Foi um acidente’, teimou Porquinho, ‘é pronto’ \_

Encostou o dedo no ombro nu de Ralph, que estremeceu ao contato humano.

‘É mais uma coisa, Ralph’, Porquinho correu os olhos em volta, depois chegou mais perto \_ ‘não conte que a gente estava na dança. Não pro Samiric’ \_

‘Mas a gente estava! Todo mundo!’ \_

Porquinho fez que não.

‘A gente sÆentrou no fim. E ninguÆm viu, no escuro’ \_ (GOLDING, 2021, p. 164)

O trecho, como conclusão temática dos dois representantes democráticos da narrativa, é revelador. A democracia é mais especificamente, a democracia representativa liberal  vista como de essencial manutenção ainda que para essa continuidade seja preciso funcionar a partir de uma mentira. Mais: uma mentira que altera as bases da fnesses prrios representantes. Leah Hadomi (2014), percebe tais problemáticas que se colocam no cerne da tradicional leitura de ‘civilização x barbárie’ da obra. Segundo a autora, a lei da aparência rege a existência dos garotos: ainda que Ralph e Porquinho representem, o que acreditam ser, os valores democráticos de sua herança britânica, o fazem através da vestimenta de tais valores sobre verdades nuas indesejadas, na metáfora encontrada pela ensaísta.

O desafio da transparência é um dos dilemas centrais da personagem de Ralph. Se, como Reybrouck (2017) aponta, somente 28% dos europeus confiam em seus governos nacionais e os veem como transparentes, o protagonista do romance de Golding vê-se constantemente perturbado com o posto de liderança que ganha, e o seu desejo por ser querido e compreendido pelos demais. Na sua busca constante por apaziguar, como já mencionado, revela-se incapaz de posicionamentos fortes, e honestos. A esperança firme e as falas animadoras em relação ao resgate do lugar ao desespero ao ver que não havia fogueira na montanha durante a passagem de um navio.

 o medo de ser transparente que leva à fatídica hesitação durante o debate sobre o monstro, e posteriormente sobre a existência de fantasmas. Numa leitura pessimista, o autor apresenta uma situação em que a abertura para a deliberação e para o pleito termina não por chegar  decisão melhor informada, mas na legitimação da histeria. É o terror do voto: o líder, buscando confirmar sua crença e fincar os ps de todos na realidade, vê-se em choque ao ver que, no final da votação, a maioria decidiu que fantasmas, de fato, existiriam, e que ‘o mundo, aquele mundo compreensível e obediente à lei, desmoronava.’ (GOLDING, 2021, p. 95). Mas a obediência à lei não desmoronou, pelo contrário: os demais meninos estavam somente seguindo as regras colocadas pelo próprio líder. Quando tais regras se tornam insatisfatórias, no entanto, é que começa a ruína do sistema fragilmente constituído pelos meninos.

#### 4.2 O vácuo de poder e a ameaça autoritária

Quando enfim a efetividade da liderança de Ralph é posta à prova, após o incidente do monstro, após a falha em manter a fogueira acesa, quando todos os garotos

descuidam em cumprir as tarefas anteriormente acertadas, Jack deixa o grupo e funda seu próprio acampamento. Por fim as rachaduras através das quais sua influência se pronunciava estavam visíveis, desde a chegada à ilha. Ainda que existam falhas em como Ralph e Porquinho tentam concretizar sua visão de democracia entre as demais crianças, a guinada com o comando de Jack é uma incursão direta numa veia autoritária de governo. A própria transição da vestimenta, como bem apontado por Watt (2014), representa a continuidade de alguma forma de governo, mesmo que sem as vestes das aparências da democracia liberal que herdamos. Ou ainda: sua expressão mais própria, porque desnudada da superfície de civilidade. Novamente Watt (2014):

A forma da vestimenta pode mudar de roupas para máscaras pintadas, mas o fato fundamental da vestimenta permanece. A relação dos garotos com as regras pode ser lida de forma similar. Em vez de ler a história em termos da queda da lei e da ordem para a desgovernança (no original, lawlessness) e a desordem, irei lê-la nos termos da constante presença de regras de qualquer natureza. A forma das regras pode mudar, mas o fato essencial do governo por regras permanece (WATT, 2014, p. 175)

A chegada de Jack e do coro, no início da narrativa, carrega ostensivamente o simbolismo de sua figura autoritária. O sobretudo preto, as camisas escuras, a cruz prateada no peito: imagens reconhecíveis mesclando símbolos tanto das camisas-negras de Mussolini quanto da cruz de ferro marcada no uniforme nazista (imagino este, vale lembrar, caro ao autor de Senhor das Moscas). Além disso, sua chegada enquanto líder de um grupo marcadamente rígido e organizado põe-se diretamente como um contraponto a Ralph.

Como já mencionado, o contexto da falência democrática e ascensão do nazifascismo eram temas que Golding tinha em mente quando da escrita de Senhor das moscas, ainda que não os tratasse como foco. Jack, portanto, considerado tal momento histórico e as sugestões pontuais ao longo do texto, personifica tal ameaça à fragilidade da democracia instituída na ilha. Sob a luz do que Umberto Eco escreve em *O fascismo eterno* (2018), é possível observar no comportamento do personagem quase todos os indicativos que o autor apresenta do que configura essa forma de governo, como demonstraremos.

Inicialmente, é notável a obsessão por regras que Jack apresenta. Desde o fim da primeira reunião, quando afirma que “quanto mais regras melhor” (GOLDING, 2021, p. 35), e novamente, na reunião seguinte já no cume da montanha, reiterando que “a gente precisa de regras, e precisa obedecer às regras. A final, não somos selvagens; somos Ingleses” (ibid., p. 45). No entanto, ao mesmo tempo, é exatamente ele quem aproveita-se de brechas para descumpri-las e, em afinidade com os temas trabalhados por Ziblatt e Levitsky, escapar impune. É dessa forma que, logo antes de afirmar a necessidade de regras e orgulhar-se de sua

herança inglesa, foi o personagem aquele a interromper a fala de quem detinha a concha e, sem qualquer base, afirmar a falta de necessidade desta na montanha, sendo levemente repreendido por Ralph e esquivando-se da situação sem desculpar-se.

Da mesma forma, Jack quem faz questão de defender o coro como parte do 'exercito' da ilha, e responsáveis por manter a fogueira acesa, ainda que ao longo da história falhem na única tarefa diretamente ligada ao resgate. O desrespeito às regras, antes do total rompimento com a ordem, culmina na agressão a Porquinho durante uma das reuniões, quando Jack lhe desfere um soco na barriga, é repreendido, e passa incólume. Como os autores de *Como as democracias morrem* (2018) escrevem, ainda que sejam costumeiramente considerados somente 'falantes', os demagogos mostram-se capazes em passar da palavra à ação. Mais ainda, comentando sobre o que chamam de 'alianças fatídicas', os autores demonstram como potenciais autoridades se aproveitam da conivência das instituições e de parte do povo para, com crescente abertura, manifestarem seus ideais antidemocráticos, até que assumam o poder e apliquem esse discurso na prática. Em *Senhor das moscas*, diante da fragilidade das instituições, bastou a conivência de Ralph, enquanto líder, e das demais crianças.

§ através de tal discurso, enraizado na herança britânica que supostamente defende, que Jack apresenta o culto à tradição mencionado por Eco. Ainda, avançando nisso, a necessidade de defender seu exercito diante de absolutamente nenhuma ação, e a obsessão pela caça aos porcos em detrimento de uma tarefa mais importante quanto a manutenção da fogueira o que o torna exemplar do culto da ação pela ação. Conforme o estudioso italiano, tal característica demonstra-se na crença de que 'a ação é bela em si e, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão.' (ECO, 2018, p. 37). Essa descrição representa cristalinamente as ações do personagem em prezar na caça puramente pela caça, bastando observar sua satisfação ao trazer o primeiro porco para o grupo, seja na afirmação categórica de que 'é preciso caçar acima de qualquer coisa, até mesmo priorizando isso em detrimento do resgate:

'A melhor coisa que a gente podia fazer era ser resgatados logo. Jack precisou pensar algum tempo antes de entender do que Ralph estava falando. 'Resgatados? Ah, claro! Mesmo assim, antes disso eu queria pegar um porco' (GOLDING, 2021, p. 57)

Sobre tal obsessão, o capítulo de nome Caras pintadas e cabelos compridos é revelador de um aspecto psicológico de Jack e, considerando-o como arquétipo fascista, de uma inclinação antidemocrática perturbadora à organização do grupo. § quando Jack

demonstra aos outros garotos a pintura facial que fez:

Ajoelhou-se, segurando o coco cheio de água. Um círculo branco de sol atingiu seu rosto e um brilho assomou nas profundezas da água. E contemplou espantado, não a si mesmo, mas um desconhecido de aparência terrível. Derramou a água do coco e levantou-se de um salto, rindo com animação. Ali, junto ao remanso, seu corpo seco ostentava uma máscara que atraía os olhares de todos e os deixava impressionados. Começou a dançar, e seu riso se transformou num esgar sangüíneo. Aproximou-se de Bill e a máscara parecia uma coisa autónoma, por trás da qual Jack se escondia, liberado da vergonha e da noção de quem era. (GOLDING, 2021, p. 68)

§ nesse momento que o personagem percebe que pode se mascarar, vestir-se de outro, e abandonar completamente as pretensões de grupo que o prendiam a Ralph e aos demais. Mais que isso, é o que permite ter a ambição de formar seu próprio grupo, centrado unicamente no espírito da caça. Conforme a lei da vestimenta, é possível aproximar a noção da pintura corporal a um primitivismo. No entanto, na leitura que estamos fazendo, e mais próxima ao que Golding teria observado na sua experiência durante a guerra, observar essa prática como referência à camuflagem facial e de corpo do militarismo moderno denota a representação da autoridade da personagem. “Para a caça. Feito na guerra. Sabe como é a camuflagem. As coisas disfarçadas de outra coisa” (GOLDING, 2021, p. 67). Seu entender não é o de um regresso à selvageria, mas de uma revisão da civilização em que está: uma alternativa (WATT, 2014).

Tal inspiração militar, acompanhada da ansiedade contínua pela caça, traduz-se em outra característica mencionada por Eco: a noção da guerra permanente (ECO, 2018). Na ausência de conflitos, é preciso criá-los, e os porcos não bastam para a satisfação da ansiedade violenta. É dessa inquietação que surge a brincadeira, na qual simulam caçar outra criança, e que atinge seu ápice na cerimônia em que Simon é morto. Conforme Michela Murgia, autora também italiana, o impulso autoritário carrega nele a necessidade da criação de um inimigo (MURGIA, 2018). É assim que Jack, para legitimar sua figura e, simultaneamente, buscar reduzir o poder de liderança de Ralph, percebe a vantagem de manter a narrativa da existência do monstro, de fazer todo o grupo se mover por esse medo. Ou ainda, na ausência de tal adversário, criá-lo. “Alguém fingindo que era o porco”, disse Jack. “Alguém podia se fantasiar de porco e ao representar” (GOLDING, 2021, p. 122)

Uma vez que enfim consegue montar seu próprio grupo, a liderança de Jack continua a afirmar os mesmos valores, com uma ordem ainda mais frágil e mantida de forma completamente autocrática. No capítulo intitulado A concha e os olhos, em que Ralph e Porquinho visitam o seu acampamento, existe um breve comentário de que nem mesmo os subordinados de Jack entendem seus objetivos ou suas regras. No seu estudo sobre as

manifestações do fascismo, Murgia nota a diferença entre os conceitos de líder democrático e chefe fascista, num retrato bastante semelhante ao que, na narrativa, manifesta-se nas tentativas democráticas de Ralph e na autocracia de Jack:

O problema do líder democrático é que ele discute com as diferenças de opinião e as enobrece como iguais às suas, e é exatamente quando precisa decidir que os opositores os deslegitimam. O chefe, ao contrário, é franco, leal, não finge levar em consideração os mil dissensos que surgem ao redor de toda pessoa que está no comando e, por esse motivo, suas decisões não são negociáveis. Ao comandar, pode vencer ou pode perder, mas de qualquer forma o chefe tem de ser obedecido, porque os que não obedecem minam a possibilidade de que a vitória se realize. (MURGIA, 2018, p. 27)

Quando não são Ralph, como líder, mas toda a tentativa de organização democrática buscada por outros personagens falha, a oportunidade autoritária prospera. Ziblatt e Levitsky (2018) mencionam grades de proteção que uma democracia forte deveria ter, mas quando os próprios organizadores têm pouca noção da democracia que querem, tais grades tornam-se ineficazes diante de eventuais abalos. Quando, ao fim de tudo, os garotos são finalmente resgatados pela marinha britânica, é Ralph quem se apresenta como líder. Questionado acerca de quantos são, do que andaram fazendo, o garoto desaba, chora, e é com esse pessimismo, após analisar a ruína de uma tentativa de democracia, que William Golding conclui seu mais famoso romance.

## 5 CONCLUSÃO

A imagem com que se conclui *Senhor das moscas* é aterradora: todas as crianças, até mesmo Jack, constantemente retratado como um fracasso ao longo do romance, desabam em lágrimas diante do seu resgate. Sem saber informar quantos eram, sem poder dizer como viveram durante o período de isolamento, sem mesmo ter como justificar a morte de três dos garotos, Ralph não consegue manter a postura.

O período segunda guerra mundial foi cruel para a Inglaterra. A visão da fome, do racionamento, e da necessidade de reestruturação das partes do país que foram alvo da blitzkrieg nazista tornaram a década que, para William Golding, culminaria na publicação do seu romance em 1954. Nele, seriam colocadas todo o pessimismo sentido pelo autor diante do que chamou de "natureza humana".

Quase setenta anos depois, a obra continua rendendo leituras. Desde a sua publicação, no entanto, viu-se que, além da intenção mais evidente do autor, a alegoria mais política, menos mística, da obra era talvez ou mais interessante: os riscos que uma democracia frágil encara e a ameaça contínua do autoritarismo em sucumbi-la.

Com o objetivo de compreender a relevância do cenário traído por Golding para o estudo dos temas de democracia e autoritarismo, este trabalho se iniciou por apresentar o enredo da obra. Vimos a hesitante liderança de Ralph e sua tentativa de condução democrática da ilha. Viu-se como o tecido da organização social traído pelas crianças foi, aos poucos, sucumbindo, culminando na sua falha em manter a fogueira de resgate acesa. E em meio a isso, a constante, e crescente, presença de Jack enquanto obstáculo à liderança, e a conivência de Ralph ao não repreendê-lo de forma contundente. Toda a tensão, então, culmina na queda do último, criando-se um novo acampamento, ditado pela caía.

E em meio à narrativa, símbolos abundam: a concha e o chamado reunião e o deliberado, pouco a pouco menosprezada até o ponto de, num momento marcante, ser manchada pelos dedos sujos de fuligem de Jack; os *Óculos de Porquinho*, que talvez signifiquem sua sabedoria, mas que por não negam um elitismo indiscreto na sua recusa em participar das outras atividades do grupo, e na sua insistência como "voz da razão" ao pedido de não ouvir nenhuma outra. Por fim, a própria cabeça do porco morto, fincada na praia: a figura do senhor das moscas do título.

O fato de se tratarem de crianças britânicas, percebemos, é central ideia da obra. A necessidade de frisar, como dito no primeiro capítulo, que o potencial autoritário visto no nazifascismo não se tratava de um fenômeno isolado geograficamente é contundente na

escrita do autor. O isolamento geográfico da Inglaterra – literalmente, uma ilha afastada da Europa continental – não a isola, no entanto, de tais problemas: a reivindicação da herança britânica vem justamente de Jack.

Quando confrontados os desafios apresentados no livro com aqueles que vemos na bibliografia sobre a democracia, suas contradições e suas ameaças, torna-se evidente a clareza de visão que Golding teve ao escrever o romance. Talvez mais que a presença constante e ameaçadora de Jack, os olhos do autor descrevem de forma ferina os problemas de uma liderança anárquica: a falta de firmeza nos valores democráticos em Ralph e Porquinho são os dois fundamentais para a ruína do experimento democrático do que os fatores externos. Que não se confunda, porém, firmeza e decisão com o próprio autoritarismo: trata-se da necessidade de crença e defesa dos valores democráticos contra aqueles que querem derrubá-lo.

Surge, então, – mente, as reiteradas vezes que Jack se mostrou como ameaça: tomando o lugar de fala sem usar a concha, ameaçando as crianças menores com a suposta presença de um monstro; priorizando a caçada em detrimento da manutenção da fogueira; agredindo Porquinho. Repetidas vezes, seu comportamento demonstrou o desdém que tinha pela tentativa de organização minimamente horizontal entre os garotos: repetidas vezes Ralph, enquanto líder, falhou em repreendê-lo decididamente.

E em meio às rachaduras dessa liderança, veem-se traços de hipocrisia, seja na demagogia em afirmar-se que tudo ficará bem, seja na tentativa de esconder eventos inteiros, como no incidente da fogueira no acampamento de Jack. Ralph e Porquinho são, aos olhos da narrativa, os falhos e responsáveis pela queda daquela pequena sociedade quanto seu antagonista.

Na segunda década do século XXI, vimos o retorno – popularidade de movimentos antidemocráticos em todo o globo: sejam de configuração abertamente fascista, como na Hungria e na Itália, sejam com algum mascaramento, como o que se viu nos Estados Unidos e no Brasil. Nos dois últimos, um discurso demagógico autoritário encontrou o caminho ao poder sem quaisquer obstáculos: nem a mídia nem as instituições firmaram com contundência a posição de defesa da democracia.

Ao fim, percebe-se que tal ponto, central – obra, manteve sua relevância após sete décadas: não se pode manter uma democracia representativa se seus representantes puserem-se de graus acima de seus representados, alineando-os. Não se pode, ainda, estabelecer qualquer democracia de forma anárquica, baseando-a em mentiras e permitindo, em seu próprio ventre, a nutrição de interesses antidemocráticos. As consequências do olhar desatento diferem, evidentemente, do que se viu no século XX para o atual, porém não muito: o autoritarismo

permanece sempre espreita e, diante da falta da resistência em combatê-lo, não tarda em usar das próprias instituições democráticas para arruiná-la.

Quando Jack assume o poder, não há um evento cataclísmico. Os garotos abandonam o acampamento anterior e seguem para outro. Lá continuam a viver, com novos modos. A normalidade do autoritarismo substitui a outra, sem grandes rupturas. Semelhantemente operam-se as vitórias de líderes autoritários dentro das democracias: não se deram com elaborados golpes estatais ou grandes exércitos. Porém, também aos poucos seus valores e ritos infiltram-se no cotidiano. Contudo, se os garotos da ilha ainda tinham a quem esperar para vir a seu resgate, as sociedades ameaçadas pelo autoritarismo não podem depender se não de si próprias para manter a vigilância na defesa dos valores democráticos.

## REFERÊNCIAS

- BERMEO, Nancy. *Getting mad or going mad? Cidadãos, escassez e o colapso da democracia na Europa entre as guerras*. Irvine: Centro de Estudos da Democracia da Universidade da Califórnia, 1997.
- BLOOM, Harold. *Bloom's modern critical interpretations: Lord of the flies - new edition*. Nova York: Infobase Publishing, 2008.
- BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. 6 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- BOYD, S. J. *The nature of the beast: Lord of the flies*. In *BLOOM'S MODERN CRITICAL INTERPRETATIONS: LORD OF THE FLIES - NEW EDITION*. Nova York: Infobase Publishing, 2008.
- BRASIL. [Constituintes (1988)]. *Constituintes da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 25 out 2023.
- CARPI, Daniela. *William Golding's 'Lord of the flies': The failure of the law*. In: *INTER: A EUROPEAN CULTURAL STUDIES: CONFERENCE IN SWEDEN 11-13 JUNE 2007*. Linköping: Linköping University Electronic Press, 2007.
- CHAVAN, Pandit. *Subversion of Civilization in William Golding's Lord of the flies*. In *EUROPEAN ACADEMIC RESEARCH*, vol 1, issue 7. Maharashtra: European Academic Research, 2013.
- DERRIDA, Jacques. *Fora da lei: O fundamento mítico da autoridade*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIKEN, Bøent; LAUSTSEN, Carsten Bagge. *From war to war: Lord of the flies as the sociology of spite*. In *ALTERNATIVES: GLOBAL, LOCAL, POLITICAL*, vol 31, n 4, 431-452. Sage Publications, inc., 2006.
- ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Tradução: Eliana Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- GENTILE, Emilio apud ATTANASIO, Angelo. *100 anos do fascismo: O perigo atual que a democracia vire repressão com apoio popular*, diz historiador. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47686939> Acesso em: 20 nov 2023.
- GOLDING, William. *Senhor das moscas*. Tradução: Sergio Flaksman. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.
- GOLDING, William, apud EPSTEIN, E.L. *Afterword for Lord of the flies*. Westminster: Penguin Books, 2003.
- HADOMI, Leah. *Imagery as a source of irony in Golding's Lord of the flies*. In *Children's*

Literature Review, Vol 94. Gale Research, 2004.

HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. O federalista. Tradução: Hiltomar Martins Oliveira. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Lóder, 2003.

HAWLIN, Stefan. The Savages in the Forest: Decolonising William Golding In BLOOM'S MODERNO CRITICAL INTERPRETATIONS: LORD OF THE FLIES - NEW EDITION. Nova York: Infobase Publishing, 2008.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. Mais de 95% da população não se sente representada pelos políticos. Disponível em: [https://docs.wixstatic.com/ugd/3d9e82\\_348947077a9041a798c6e173aae3d118.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/3d9e82_348947077a9041a798c6e173aae3d118.pdf). Acesso em: 20 nov 2023.

LINCOLN, Abraham. Gettysburg address. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/rbpe.24404500/?st=text> Acesso em: 20 nov 2023.

MURGIA, Michela. Instruções para se tornar um fascista. Tradução: Julia Scamparini. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Ayin, 2019.

PINTO, Antônio Costa. O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos de 1930 do século XX. In: Martinho Francisco et al. Corporativismo em Portugal, s. 1. edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 19-43.

RAPOPORT, Nancy B. Lord of the flies (1963): Development of rules within an adolescent culture. In SCREENING JUSTICE - THE CINEMA OF LAW: SIGNIFICANT FILMS OF LAW, ORDER AND SOCIAL JUSTICE 253. Nevada: Rennard Strickland, Teree E. Foster & Taunya Lovell Banks eds., 2006.

RAWLS, John. The idea of public reason revisited. In THE UNIVERSITY OF CHICAGO LAW REVIEW, vol. 64, n 3. Chicago: Universidade de Chicago, 1997.

REY BROUCK, David van. Contra as eleições. Tradução: Flávio Quintale. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Ayin, 2017.

ROUSSEAU, J. J. O contrato social: Princípios de Direito Político. Tradução: Antônio P. Machado. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Filiação partidária. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/partidos/filiacao-partidaria/filiacao-partidaria>. Acesso em: 20 nov 2023.

TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América. Tradução: Julia da Rosa Simões. 1 ed. São Paulo: Edipro, 2019.

WATT, Gary. The law of dress in Lord of the flies. In Law and Humanities, 8:2, 174-191. DOI: 10.5235/17521483.8.2.174, 2014.

WÓJCIK, Eliza. The nature of law and its role in society: reflections on the basis of William Golding's novel 'Lord of the flies'. In Acta Iuris Stetinensis, vol 31, 123-138. Estetino: Wydawnictwo Naukowe Uniwersytetu Szczecińskiego, 2020.

ZIBLATT, Daniel; LEVITSKY, Steven. Como as democracias morrem. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

PRESEVAÇÃO do meio ambiente: manifesto do chefe de Seattle ao presidente dos EUA. São Paulo: Babel Cultural, 1987.

SISS, Ahyas. Afro-brasileiros e educação superior: notas para debates. In: COSTA, Hilton; PINHEL, André; SILVEIRA, Marcos Silva da (org.). Uma década de políticas afirmativas: panorama, argumentos e resultados. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012. p. 18-26.

TARAPANOFF, K. Educação corporativa. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA COMPETITIVA, 1., 2006, Curitiba. Anais [et al.]. Curitiba: CIETEP, 2006. Disponível em: <http://www.gecic.com.br>. Acesso em: 25 out. 2006. p. 59-70.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bentes; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. Ciências da Informação, Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 172-178, 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/265/233>. Acesso em: 2 out. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/guia-de-citacao-06.10.2019.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.